

# Narcisismo e biopolítica: por uma sustentabilidade afetiva em tempos sombrios

Sonia Regina Vargas Mansano, Paulo Roberto de Carvalho e Flávia Fernandes de  
Carvalhoes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Submissão:** 28 jan. 2022.

**Aceite:** 27 out. 2022.

**Editor de seção:** Enzo Bissoli.

## Notas dos Autores

Sonia Regina Vargas Mansano  <https://orcid.org/0000.0002.4406.8803>

Paulo Roberto de Carvalho  <https://orcid.org/0000.0002.5732.5557>

Flávia Fernandes de Carvalhoes  <http://orcid.org/0000-0003-1879-7989>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas para Sonia Regina Vargas Mansano, *campus* universitário, Universidade Estadual de Londrina, PR 445 km 380, Londrina, PR, Brasil. CEP 86057-970. Email: mansano@uel.br

### Resumo

Estudos acerca dos riscos socioambientais são frequentes. Diante deles, cientistas alertam que, caso não sejam tomadas providências, é a própria vida no planeta que estará em perigo. Esta pesquisa objetivou identificar e analisar, sob o enfoque da Psicologia Social e da Filosofia da Diferença, experiências de sustentabilidade afetiva no espaço urbano diante da emergência da pandemia. Adotando a estratégia metodológica da história oral, buscou-se acompanhar o relato de participantes vinculados a uma instituição de ensino superior que se dispuseram a compartilhar os impactos afetivos da relação com a cidade em estado pandêmico. Os relatos foram analiticamente organizados em dois eixos: 1. desterritorializações e medos, e 2. frustrações narcísicas e restrições biopolíticas. Os resultados mostraram que as percepções iniciais diante do contato com a pandemia foram marcadas por afetos de surpresa, angústia e medo. Concluiu-se que sustentar afetivamente essa experiência comportou desafios relacionais colocados à coletividade em sua interface com as cidades.

*Palavras-chave:* sustentabilidade afetiva, pandemia, narcisismo, biopolítica, contemporâneo

### NARCISISM AND BIOPOLITICAL: FOR AN AFFECTIVE SUSTAINABILITY IN GLOOMY TIMES

#### Abstract

Studies on the socio-environmental risks are frequent. Scientists warn that if no immediate action is taken, it is life itself on the planet that will be in danger. This research aimed to identify and analyze, under the focus of Social Psychology and the Philosophy of Difference, experiences of affective sustainability in the urban space. Adopting a methodology strategy of oral history, we sought to follow the reports of participants linked a superior institution of studies who were willing to share the affective impacts resulting from your urban relation in pandemic station. The reports were analytically organized in two axes: 1. deterritorialization and fears, and 2. narcissistic frustrations and biopolitical restrictions. The results show that the first perceptions were marked by surprise, anguish and fear. It concluded that affectively sustaining this experience is still a challenge posed for collectivity in its interface with the cities.

*Keywords:* affective sustainability, pandemic, narcissism, biopolitics, contemporary

### NARCISISMO Y BIOPOLÍTICA: POR LA SOSTENIBILIDAD AFECTIVA EN TIEMPOS OSCUROS

#### Resumen

Son frecuentes los estudios sobre los riesgos socio ambientales. Ante ellos, científicos advierten que, si no se toman medidas inmediatas, es la vida del planeta la que estará en peligro. Esta investigación tuvo como objetivo identificar y analizar, bajo el enfoque de la Psicología Social y la Filosofía de la Diferencia, experiencias de sostenibilidad afectiva en el espacio urbano ante la emergencia de la pandemia. Adoptando una estrategia metodológica de la historia oral, se buscó seguir los informes de participantes vinculados a un instituto de enseñanza superior que estaban dispuestos a compartir los impactos afectivos de la relación con la ciudad en estado de pandemia. Los relatos fueron organizados en dos ejes: 1. deterritorialization and miedo, y 2. frustraciones narcisos y restricciones biopolíticas. Los resultados muestran que las primeras percepciones del contacto con la pandemia fueron marcadas por la sorpresa, la angustia y el miedo. Se concluye que sostener afectivamente esta experiencia comporto desafíos a la colectividad en su interface con la ciudad.

*Palabras clave:* sostenibilidad afectiva, pandemia, narcisismo, biopolítica, contemporáneo

“Vai passar.” Tal enunciado tornou-se recorrente nos primeiros meses após o anúncio da pandemia da Covid-19 feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. O ano marcou a história mundial em diversos aspectos, evidenciando a dificuldade das nações para intervir em um problema de saúde populacional que se alastrou em amplitude planetária. Nos âmbitos tecnológicos e de saúde coletiva, a ciência encarregou-se de traçar estudos e intervenções que deram suporte para o enfrentamento da pandemia pela via das tecnologias de comunicação, bem como pelos estudos sobre vacinas e tratamentos. Já no meio social em que as relações se manifestam de modo mais acentuado, as marcas afetivas produzidas na população ainda estão sendo identificadas e continuarão a produzir efeitos nas relações por muitos anos, cabendo às ciências humanas e sociais sua ampla investigação.

Diante do quadro instável e insalubre vigente, o presente estudo teve como objetivos identificar e analisar a descrição de iniciativas relacionais micropolíticas que acenaram para uma sustentabilidade afetiva no espaço urbano. Adotando uma perspectiva teórica que transitou entre a Psicologia Social (Birman, 2021; Rolnik, 2000; Sawaia, 2020) e a Filosofia da Diferença (Deleuze, 2000; Foucault, 1967/2014, 1999), as problematizações sobre a pandemia voltaram-se para a experimentação dos afetos e das relações nesse contexto, dando ênfase a duas noções que ganham uma função diagnóstica no presente: o narcisismo e a biopolítica. Assumimos neste estudo a noção de diagnóstico circunscrita por Foucault (1967/2014) que destaca a relevância de acolher o tempo presente como algo a ser compreendido em suas múltiplas faces, detalhes e expressões. Para o autor, diante de situações emergentes e de difícil compreensão, cabe lançar-se na elaboração de um “diagnóstico do presente” (Foucault, 1967/2014, p. 34) e, nesse processo, “não procurar mais dizer a verdade que possa valer para todos e para todos os tempos” (Foucault, 1967/2014, p. 34), mas debruçar-se sobre o “funcionamento dos indivíduos em relação mútua” (Foucault, 1967/2014, p. 47) com seus pares, seu tempo e os acontecimentos que os atravessam. Assim, o estudo partiu da hipótese de que as brutas desterritorializações engendradas pelas medidas sanitárias de biossegurança, especialmente dirigidas ao espaço urbano, produziram sensações de medo, angústia e frustrações que colocaram em xeque uma suposta segurança narcísica alicerçada na vida privada e nas decisões individuais.

Visando compreender um acontecimento que eclodiu e atingiu um contingente populacional planetário, o estudo justifica-se por dar visibilidade ao relato de experiências emergentes após a notícia da pandemia, bem como destacar as ações ou paralisações que ela engendrou na vida afetiva e relacional. Para tanto, foram delineados dois momentos. Na parte teórica, problematizam-se os efeitos da pandemia referentes aos processos de desterritorialização da vida organizada até então, aos impactos delas decorrentes na constituição psíquica dos cidadãos, bem como às intervenções biopolíticas de cuidados sanitários que visavam administrar o corpo, evitando seu contágio e óbito. Na parte empírica, são apresentados relatos de iniciativas cotidianas acerca do enfrentamento afetivo da pandemia, destacando as potencialidades e os limites que os participantes colocaram em prática em seus cotidianos para construir uma sustentabilidade afetiva nessa travessia. Estudos recentes (Birman, 2021; Sawaia, 2020) evidenciam o quanto a

disseminação dos efeitos de pandemias está diretamente vinculada às questões ecológicas. Recorremos, então, à noção de sustentabilidade afetiva, abordada por Mansano e Carvalho (2016, p. 707), que a definem como possibilidade de “sustentar o corpo em sua potência de variação afetiva ao invés de absorver passivamente as demandas por regularidade, prescrição dos afetos e degradação acelerada da natureza, advindas, em grande parte, da ordem socioeconômica”.

Ao final desta trajetória, será possível mostrar que a experiência pandêmica, inédita em nossa contemporaneidade, foi inicialmente marcada por angústias, dúvidas, frustrações e medos os mais diversos que dividiram espaço com conquistas, experimentações e potencializações relacionais. Esse amplo leque afetivo abriu caminhos tanto para sustentar a experiência de modos singulares quanto para, em certos momentos, sucumbir na dor. Isso evidenciou que a vida humana ainda carece de estudos sobre a amplitude afetiva que pode ser acionada diante de situações limítrofes como um evento pandêmico de proporções não vistas na história recente.

### **Enfrentamentos entre narcisismo e biopolítica no contexto pandêmico: aporte teórico**

Não há dúvidas de que estamos imersos em um experimento subjetivo (Safatle, 2020) que acionou um esforço coletivo (da população, das ciências, dos governos e das instituições) para ampliar a potência de afetar e ser afetado pelas novas condições de vida e pelos relacionamentos provocados pela pandemia. Em suas palavras: “o destino do seu corpo, sua morte são partes de um experimento de tecnologia social, de nova forma de gestão” (Safatle, 2020, p. 3). Logo no seu início, ficou evidente que o cenário pandêmico desnudou desigualdades sociais radicais, bem como exigiu outras sensibilidades, conexões e experimentações da existência individual e coletiva. Tratava-se da abertura para sustentar afetos desconhecidos e inusitados trazidos por um acontecimento que simplesmente nos aspirou (Deleuze, 2000), sem deixar brechas para sua recusa. Diz Deleuze (2000, p. 154): “Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou”. Passados mais de dois anos da sua declaração, o cenário da pandemia continua incerto apesar dos avanços da ciência na elaboração e aplicação de vacinas por todo o globo.

O espaço urbano comumente é palco de experimentações afetivas as mais diversificadas e, por sua característica mutante, convoca seus habitantes a entrar em contato com sensações díspares que solicitam a produção de sentidos para os encontros vivenciados tanto na esfera pessoal quanto no âmbito público (Rolnik, 2000). Entretanto, acostumados a seguir rotinas cotidianas que, de preferência, não gerem instabilidades na organização das atividades previamente traçadas, são acionadas estratégias defensivas de sobrevivência que buscam amenizar ou neutralizar os afetos mais dissonantes e incômodos.

A Covid-19 chegou abalando tais defesas que são marcadamente narcisistas (Carvalho, 2014), aut centradas, individualistas e relutantes na observância de regras sociais rígidas. Sem aviso prévio, a população mundial viu-se diante de desterritorializações (Gil, 2020) abruptas que abalaram as instituições organizadas, fato que rompeu com rotinas estabelecidas em ao menos

três esferas: trabalho, família e relações sociais. Quais são os efeitos dessas rupturas? Ainda estamos em vias de conhecê-los. Gil (2020, p. 3) colabora nessa compreensão quando afirma:

A desterritorialização e, hoje, a virtualização de todos os conteúdos sociais, culturais, existenciais, conduziram a um desequilíbrio fundamental, abrindo um fosso entre a nova realidade virtual que se impõe progressivamente em todos os domínios, e os “valores tradicionais” em que se assentava a vida social e coletiva.

De todo modo, é possível considerar que, antes mesmo do período pandêmico, a vida cotidiana planetária era marcada por impasses generalizados em termos relacionais, econômicos, sociais e afetivos (Žižek, 2020). Os indivíduos já estavam imersos em um mundo que tendia à privatização das relações afetivas (Sennett, 2014), e a desconfiança em relação aos desconhecidos e estranhos tomava conta das cidades, devidamente organizadas para que os espaços públicos fossem utilizados como meras vias de passagem, reafirmando os riscos que os encontros representavam no imaginário social. Essa conformação social que avaliava o cotidiano citadino como perigoso e a vida privada como segura era atravessada por valores capitalistas ancorados na produção e no consumo. Suas bases organizativas disseminavam componentes subjetivos que os retroalimentavam, tais como o individualismo, o medo, o isolamento e a ênfase no desempenho individual ancorado na busca do sucesso pessoal.

Esse quadro cooperou para delinear um narcisismo contemporâneo exacerbado e naturalizado, que valoriza a *performance* de si, pela via do desempenho, e o compartilhamento de imagens idealizadas sobre a própria existência, as quais proliferam nas redes sociais digitais que se tornaram, nos últimos anos, o novo *locus* da socialização. Isso abriu espaço para a exploração mercadológica de um modo de vida adepto ao consumo de mercadorias, mas também aderente a “kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado” (Rolnik, 2000, p. 20). Tais perfis passam a ser desejados como a única possibilidade de inclusão social em um mundo relacional já debilitado.

O narcisismo capitalista é caracterizado por Carvalho (2014, p. 83) pela “perda dos objetos do investimento libidinal e posterior reinvestimento sobre o próprio ser desejante, adquirindo, ele próprio, a configuração de uma totalidade idealizada”. Nessa idealização defensiva, ganham importância circuitos afetivos restritos que são traçados pelo sujeito e seguidos rigorosamente em um cotidiano que não admite a presença de situações imprevistas ou estranhas, fortalecendo, assim, uma espécie de controle sobre os encontros que tendem a desconsiderar o outro e o bem-estar comum (Hardt & Negri, 2016). Sobre isso, continua Carvalho (2014, p. 147): “a totalização narcísica implica uma exclusão, que corresponde à exclusão do outro, expressão que aqui, genericamente, remete a todos os outros com os quais compartilhamos a vida em sociedade”. Foi-se construindo, aos poucos, uma miséria afetiva que servia, supostamente, como uma garantia de proteção contra os efeitos imprevisíveis da irrupção do outro na vida de cada um. Em outras palavras, trata-se da ascensão hegemônica da vida privada no cotidiano compartilhado das populações. Na contramão dessa tendência, Hardt e Negri (2016,

p. 196) resgatam a noção de “uma ecologia do comum” que se faz “centrada igualmente na natureza e na sociedade, nos seres humanos e no mundo não humano, numa dinâmica de interdependência, cuidado e transformação mútua”.

Quando chegou a pandemia, em princípio sua gravidade não pôde ser sequer considerada a partir de um registro comum compartilhado, visto que os problemas dela decorrentes tendiam a ser reduzidos à esfera individual. A gravidade planetária da pandemia também não poderia ser admitida por evocar as rupturas radicais com as totalizações narcísicas bem delineadas em meio à organização socioeconômica capitalista. Entretanto, seus efeitos proliferaram rapidamente, sendo um dos mais marcantes a interdição dos pequenos prazeres e decisões ancorados nas preferências individuais, exercidas de modo independente, que passaram a ser controladas pelas medidas sanitárias e de biossegurança. Assim, de um dia para o outro, assistimos a um desmoronamento do mundo individual e narcísico marcado pelas pequenas decisões sobre si que passaram a ter de considerar, de modo imperativo, a existência do outro e da coletividade (Hardt & Negri, 2016; Foucault, 1999). O sujeito narcísico já não respondia mais por si. Ele estava imerso em um cenário que colocava em evidência a presença radical do outro. Carvalho (2014, p. 137) assinala, então, os desdobramentos do “narcisismo ferido naquilo que centralmente lhe constitui: suas expectativas idealizadas voltadas sobre si”.

Gil (2020, p. 4) mostra que a disseminação das tecnologias, somada à chegada da pandemia, precipitou uma “desterritorialização que abalou e desmantelou os referentes tradicionais”, uma vez que removeu os circuitos rotineiros de trajetos e atividades, as preferências individuais, os caprichos privados e as decisões que, até então, cabiam apenas ao indivíduo. O que sobrou? Um corpo abruptamente retirado de sua redoma narcísica que, por estar exposto à contaminação e à morte pelo vírus, passou a ser administrado de maneira incisiva pelas instâncias da biopolítica que atuavam tanto em atividades complexas quanto nas mais corriqueiras. Nota-se então que as práticas biopolíticas já fazem parte, há longa data, da organização social vigente, especialmente na esfera governamental. Sua presença foi detectada desde o século XVIII e amplamente estudada por Foucault (1999). Desde então, diante dos perigos que assolavam a vida das cidades, uma nova estratégia de poder foi direcionada “ao homem vivo, ao homem ser vivo”, que Foucault (1999, p. 289) denominou “biopolítica da espécie humana”. Em seguida, na mesma obra, Foucault (1999, p. 290) a caracterizou como

[...] um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, [...] constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica.

Amplia-se e se dissemina, assim, um tipo poder que coloca o indivíduo e as populações sob a mira de uma administração sanitária e governamental que incidiu sobre o corpo e a saúde da coletividade. Resguardadas as diferenças que marcam cada época, o que a situação pandêmica

ora instalada evidencia é a intervenção direta sobre a estimativa e o controle dos riscos de contaminação e óbito que atingem a coletividade populacional. Valendo-se de diversas fontes científicas, governantes de todo o globo passaram a monitorar a população com vistas a minimizar a disseminação da contaminação por Covid-19, bem como por suas variantes. Com isso, diversas intervenções sanitárias foram adotadas, o que fez sair de cena o sujeito narcísico. Em seu lugar, foi colocada a saúde de um coletivo amplamente monitorado que deveria ser obediente e disciplinado para facilitar o controle executado por meio de medidas sanitárias restritivas que envolveram especialmente o isolamento e o distanciamento sociais. Nas palavras de Gil (2020, p. 6), “o confinamento não foi e não é um tempo de expansão e alegria. Com as ruas desertas, as cidades silenciosas, a casa em que nos fechamos não constitui, propriamente, um lugar de entusiasmo e criação”.

De qual corpo falamos, então, no cenário pandêmico? Daquele que passou a ser monitorado e controlado em diferentes dimensões de seu cotidiano: higiene, contato físico, alimentação, sexualidade, trabalho e deslocamentos. Em larga medida, esses dispositivos de controle eram protagonizados pela área da saúde. Foucault (1999, p. 291) relata que no cenário biopolítico há intervenção direta de uma medicina que tem a “função maior de higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e medicalização da população”. Medidas majoritariamente adotadas de forma exclusiva em contextos hospitalares, como o uso sistemático de máscaras, a lavagem frequente das mãos e a desinfecção de objetos e superfícies com álcool em gel na dosagem apropriada, passaram a ser exigidas nos espaços públicos compartilhados pelo cidadão comum e nas residências. Assim, os locais em que antes existia uma espécie de solidão povoada, composta por um amplo conjunto de pessoas sem vínculo ou laço afetivo, tornaram-se espaços nos quais a presença do outro passa a ser vista como uma ameaça. O outro aparece no imaginário social como um risco que já não pode mais ser negado, devendo ser vigiado sistematicamente (Gil, 2020, p. 6), tendo em vista que o “contágio temido, imaginado, alucinado, foi o único acontecimento que condicionou as emoções e os gestos quotidianos”.

Do corpo narcisista e autocentrado, aderente aos caprichos pessoais que sofriam o mínimo de interferências externas, migrou-se ao corpo biopolítico público, monitorado e controlado pelo Estado, e, em alguns casos, diante da recusa de um determinado sujeito aos procedimentos sanitários obrigatórios, tornou-se factível acionar a polícia (Foucault, 1999). Obviamente, houve uma brutalidade na passagem do desejo narcisista para o controle biopolítico. Essa situação gerou respostas defensivas, como é o caso do negacionismo, tão presente na realidade brasileira. Nessa postura, tende-se a minimizar os índices da proliferação dos casos e a gravidade das contaminações, disseminando os enunciados de que “é vida que segue” ou “vamos aderir ao novo normal”, em uma tentativa de blindar a privacidade narcísica soberana antes da pandemia: uma privacidade marcada pela convicção de autossuficiência e desconhecimento da condição coletiva que marca a vida em sociedade (Safatle, 2020).

Aproveitando os destroços de um narcisismo ferido, mas pronto a se recompor defensivamente pela negação da gravidade da pandemia, a economia seguiu seu curso. Ela foi operacionalizada por uma parcela de governantes e empresários que contornavam as medidas restritivas e estimulavam o pleno trabalho em modo presencial (Birman, 2021) e, em certas ocasiões, em modo remoto. Em quaisquer das situações, a defesa psíquica negacionista se fazia presente pela reivindicação de imediato retorno às rotinas da vida anterior. Mas, quando analisados os dados estatísticos de casos e óbitos, era praticamente impossível que isso acontecesse sem a vacinação populacional em massa. Contrariado e frustrado, o sujeito narcísico, tal como caracterizado anteriormente, viu-se diante da constatação da realidade restritiva advinda da biopolítica e contra a qual ele trava sua luta até os dias de hoje. Salienta Birman (2021, p. 91): “A interdição de toques, beijos e carícias, que se consubstanciam como proximidades corporais e que caracterizam nosso *estilo de existência* nos registros *éticos* e *estéticos*, nos afetam bem mais do que aos indivíduos de países norteados pelas tradições anglo-saxônica, nórdica e asiática”. Isso precipitou as mais diversas expressões de dor e sofrimento.

Foi em meio a esse enfretamento que a noção de sustentabilidade afetiva ganhou relevância neste estudo. Pode-se dizer que, em larga medida, o cenário contemporâneo capitalista restringiu as possibilidades de experimentar os afetos e os encontros urbanos, mantendo populações inteiras conectadas à busca da sobrevivência, mas também apartadas das satisfações narcísicas que se contrapõem às medidas sanitárias. Tal situação acabou por criar impasses políticos que expuseram os riscos que incidiam sobre a continuidade da vida no planeta. Os estudos nessa direção (Beck, 2010; Stengers, 2015) mostraram que a ameaça contínua da vida no planeta já vinha afetando os humanos e se agravou na pandemia (Birman, 2021). Como contornar esse quadro que, apesar da gravidade iminente, ainda está longe de ser acolhido com a seriedade necessária à sua superação? Como detectar os efeitos subjetivos e afetivos da insustentabilidade instalada no campo social e relacional urbano? Por quais vias ensaiar saídas coletivas para essa situação pandêmica de contornos tão brutais?

Identificar e sustentar os afetos que potencializam a vida e os laços relacionais, ainda que estejamos em um cenário pandêmico, configurou-se como o grande desafio colocado hoje. Trata-se de considerar a dimensão relacional da existência e acionar “os encontros que nos convêm” (Deleuze, 2017, p. 49) ou, em outras palavras, buscar os encontros que aumentam a potência de afetar e ser afetado, à revelia das adversidades emergentes. Pode-se dizer, portanto, que a produção de uma sustentabilidade afetiva é imediatamente política, pois implica efeitos potencializadores que são compartilhados pelos partícipes dos encontros. Ela remete, então, a duas dimensões: a contínua variação da potência dos corpos nos encontros; e a disponibilidade para reconhecer e buscar os encontros que potencializam a vida em comum.

Se no início desta argumentação apresentamos a análise de um cenário anterior à Covid-19, delineado em componentes de subjetivação narcísista que foram amplamente sufocados pelo poder biopolítico de restrição aos contatos e às decisões individuais sobre a organização da vida, é inegável a presença de um sofrimento coletivo instalado. Também são inegáveis

as práticas cotidianas que ensaiaram saídas dessa situação constrangedora dos afetos prezando uma existência afetivamente sustentável. É em meio a essas afetações díspares que daremos espaço aos depoimentos dos participantes que contam suas reações e ações ante os efeitos da pandemia.

### Método

A opção por realizar uma pesquisa qualitativa foi aqui assumida por considerar a coexistência e ocupação no espaço urbano algo complexo e que, por isso mesmo, gera uma série de questões que demandam apreciação em suas dimensões afetivas e relacionais. Assim, acompanhamos as ideias de Deleuze (2017), que afirma a importância de problematizar os encontros. Estes, quando são suficientemente intensos, geram questões e ensaios de respostas que compõem um campo problemático povoado por incômodos e afetos díspares. Atentos ao problema da pandemia e aos saberes que ela colocou em curso no cotidiano, foram convidados e selecionados participantes dispostos a relatar suas impressões e ações diante da declaração do quadro pandêmico mundial.

Ao todo, foram coletados depoimentos de 15 pessoas que aceitaram compartilhar a experiência, descrevendo de maneira livre, tal como preconizado pela abordagem metodológica da história oral, os seguintes pontos: o acontecimento Covid, as sensações experimentadas e as principais ações realizadas no cotidiano. Como caracterização geral, os participantes, de ambos os sexos, tinham entre 19 e 45 anos, pertenciam à classe socioeconômica média e mantinham alguma vinculação com a universidade pública localizada no interior do estado do Paraná que sediou a pesquisa, seja na condição de estudante, egresso ou profissional liberal. Os relatos foram coletados após os trâmites e as aprovações do Comitê de Ética, sendo resguardadas as providências referentes ao sigilo sobre a identificação dos participantes, incluindo a modificação dos nomes com os quais são mencionados. A vinculação institucional foi o principal critério de inclusão, uma vez que a pesquisa visava acessar um público propenso a expor uma visão crítica desse acontecimento. Cabe dizer que essa vinculação interferiu de modo significativo nos relatos que serão apresentados, especialmente pela análise ampliada dos fatos sociais emergentes e por uma marcada preocupação com seus desdobramentos políticos nas interações urbanas.

Os depoimentos foram coletados entre os meses de abril e dezembro de 2020. A parte dos resultados selecionada para ser discutida neste artigo foi organizada e analisada em dois eixos elencados a partir do referencial teórico adotado no estudo, a saber: 1. desterritorializações e medos, e 2. frustrações narcísicas e restrições biopolíticas. Tendo como norteadores os conceitos de desterritorialização, narcisismo, biopolítica e sustentabilidade afetiva, os fragmentos selecionados para análise foram definidos tomando em consideração a estratégia foucaultiana de realizar um “diagnóstico do presente” (Foucault, 1967/2014, p. 34). Para tanto, segundo Foucault (1967/2014, p. 41), cabe realizar uma aproximação do vivido e, sobre ele, realizar “um trabalho de escavação” da experiência, de modo a possibilitar uma análise situada das condições de emergência e dos desdobramentos sociais que deram consistência ao problema estudado. Os

resultados, apresentados na sequência, deixaram entrever ações e potencialidades que foram atualizadas no confronto com os limites colocados no cotidiano dessa difícil travessia.

### Resultados

Diante desse acontecimento planetário com impacto coletivo na relação do sujeito com o espaço urbano, compartilhar as primeiras percepções e práticas ligadas às experiências afetivas foi algo marcado ao mesmo tempo por dores, temores e surpresas. Pautados na hipótese levantada neste estudo, que busca conhecer os efeitos das brutas desterritorializações engendradas pelas medidas sanitárias de biossegurança, especialmente dirigidas ao espaço urbano, os resultados qualitativos da pesquisa aqui apresentados foram sistematizados em três tabelas. Estas foram compostas pela caracterização geral dos participantes, cujos nomes foram modificados para garantir o sigilo de seus dados, bem como pela apresentação sintética dos resultados obtidos e organizados nos dois eixos já especificados anteriormente.

A Tabela 1 apresenta os sujeitos participantes e sua caracterização geral, que foi dividida em três elementos: segmento social, especificações e quantidade.

**Tabela 1**

*Participantes da pesquisa*

Segmento social	Especificações	Quantidade
Total de participantes		15
Faixa etária	De 19 a 29 anos	6
	De 30 a 45 anos	9
Gênero	Homens	4
	Mulheres	11
Escolaridade	Graduando	4
	Graduado	3
	Pós-graduando	7
	Pós-graduado	1
Área de formação	Ciências humanas	13
	Estudos sociais aplicados	2

Na Tabela 2, são apresentados os principais resultados do eixo 1, denominado desterritorialização e medos. Para tanto, separaram-se as duas categorias analíticas, detalhando em cada uma delas tanto a síntese dos dados coletados quanto os resultados da investigação advindos da parte teórica da pesquisa, os quais foram utilizados na discussão que será apresentada na seção seguinte.

**Tabela 2***Resultados do eixo 1: Desterritorializações e medos*

<b>Categoria analítica</b>	<b>Dados</b>	<b>Referência conceitual</b>
Desterritorializações	· Afastamento dos espaços fechados	Deleuze (2017)
	· Permanência mais frequente em residências	Gil (2020)
	· <i>Home office</i>	Safatle (2020)
	· Diminuição substancial dos contatos sociais	Sennett (2014)
	· Pouco contato com os espaços abertos da cidade	
Medos	· Contaminação	Gil (2020)
	· Contaminação de pessoas próximas	Birman (2021)
	· Proximidade da morte	Latour (2020)
	· Prolongamento da pandemia	Butler (2020)
	· Incerteza sobre o futuro	
	· Subsistência	
	· Efeitos colaterais do isolamento e distanciamento	

Na Tabela 3, há o detalhamento das duas categorias analíticas que compõem o eixo 2, seguida dos resultados sistematizados na parte empírica. Na terceira coluna, são elencadas as referências teóricas estudadas e utilizadas para proceder à discussão dos dados na próxima seção.

**Tabela 3***Resultados do eixo 2: Frustrações narcísicas e restrições biopolíticas*

<b>Categoria analítica</b>	<b>Dados</b>	<b>Referência conceitual</b>
Frustrações narcísicas	· Adaptação forçada às restrições biopolíticas	Descola (2020)
	· Diminuição substancial dos deslocamentos urbanos	Carvalho (2014)
	· Reorganização de hábitos consolidados	Sawaia (2020)
	· Impossibilidade de decisão individual sobre rotinas	
	· Restrições não acatadas pela coletividade	
	· Insustentabilidade afetiva	
Restrições biopolíticas	· Adesão às medidas de biossegurança	Foucault (1999)
	· Cansaço em relação às medidas de biossegurança	Santos (2020)
	· Ausência de planos governamentais efetivos	Agamben (2020)
	· Falta de perspectiva acerca da retomada do espaço urbano	Descola (2020)
	· Abandono de hábitos consolidados	

## Discussão

### Eixo 1: Desterritorializações e medos

Deleuze (2017) define a desterritorialização como o movimento que percorre as estratificações e organizações rígidas da sociedade, rompendo com coordenadas de linguagem e da existência, operando, assim, a perda de consistência dos territórios mais conhecidos. Partindo de um campo social amplamente organizado em normas e regras, pode-se considerar que, em larga medida, a pandemia provocou uma série de desterritorializações (Gil, 2020), por vezes brutais, na medida em que precipitou rupturas nas maneiras como a existência estava organizada até então. Ocorre que a organização social vigente, há longa data, produziu marcas disciplinares nos corpos (Foucault, 1999), bem como em sua maneira de se relacionar com os demais, com a natureza e com a cidade. Tais marcas abrem espaços para problematizar não apenas os discursos emergentes, como também as práticas relacionais urbanas e as forças móveis que elas colocam em combate (Foucault, 1999).

Quando essa organização sofre um abalo dessa amplitude, que no mês de janeiro de 2022 contava com mais de 22.505.547 pessoas contaminadas e 620 mil óbitos no Brasil, seus desdobramentos são múltiplos e podem colocar em xeque o fluxo das atividades realizadas rotineiramente no espaço urbano (Sennett, 2014). É o que se nota no depoimento de Lauro, que relata suas primeiras sensações: “Me vejo imóvel, só, perdido numa corrente de pensamentos imobilizantes que andam em círculo dentro de mim. E me é difícil sorrir, relaxar e pensar com clareza”. Acolher um acontecimento que precipita esse tipo de desterritorialização abrupta (Gil, 2020) coloca em cena os afetos de angústia gerados pela ignorância diante da experiência vivida e por seus possíveis efeitos destrutivos. Nesse cenário, “o sujeito vive numa bolha que encapsula o tempo, o instante torna-se o único acontecimento, que tende a autorreferenciar-se” (Gil, 2020, p. 3).

As imagens de perigo e contágio também estiveram presentes nesse primeiro momento de desterritorialização. Carla diz: “A sensação é que a todo momento podia estar passando o vírus para alguém da minha família. Pensamentos que eu poderia ser responsável direta pela morte deles me assolavam de um modo que me isolava deles em casa”. Como podemos constatar, a perda territorial se faz presente tanto no espaço público como no privado. Apesar de as residências ganharem uma função protetiva na pandemia, tornando-se locais de isolamento, isso não impediu sua perda de consistência territorial, uma vez que agora o território de moradia é ocupado em tempo integral e em um regime de convivência forçada e continuada, distante, portanto, de sua utilização rotineira anteriormente dada. O sofrimento premente ressoou entre outros participantes, como Fernanda:

Essa semana foi extremamente difícil, devido a todas as oscilações de humores e à falta de recursos para lidar com tudo isso. Chorei muito essa semana e isso de fato ajudou a aliviar certa dor no peito. Não sei muito bem de onde vem e como se instala, mas ela tem sido muito frequente e o estado de inércia não me possibilita procurar novos recursos.

Abre-se, assim, outra percepção temporal que, apesar da sensação de inércia, pode vir a provocar processos de aprendizagem sobre si, sobre o outro, sobre a vida compartilhada. Em função disso, Latour (2020, p. 6) assinala: “Pela primeira vez em anos, um bilhão de pessoas, presas em casa, encontram esse luxo esquecido: tempo para refletir e, assim, discernir o que normalmente e desnecessariamente os agita em todas as direções”.

Outra sensação descrita nesses primeiros meses de pandemia refere-se a atividades que, outrora realizadas em um território tido como seguro, entram em uma espécie de colapso. A convivência e o encontro com pessoas em atividades ordinárias tornaram-se desafios a serem enfrentados e superados, como relata Joana:

Non dia em que saí sozinha para ir ao mercado e vi pessoas dentro de seus carros vestindo suas máscaras, me senti como se estivesse em perigo. Foi antes da liberação do comércio e já havia carros demais circulando nas ruas, pessoas demais fazendo compras no mercado. Fiquei ansiosa, não conseguia seguir uma logística durante as compras. Feito barata tonta. Ia e voltava aos mesmos corredores [...]. A demora e a confusão me deixavam cada vez mais ansiosa e sentia que o mercado ia ficando cada vez mais cheio. Chegar no carro foi um alívio.

Também sobre as primeiras experiências de ir ao mercado, Cecília relata:

Durante a semana tive que ir ao mercado, mas logo depois que eu cheguei, comecei a chorar desesperadamente pela situação. O mercado estava cheio e o estabelecimento, irresponsavelmente, não controlava a entrada e saída de pessoas. Além disso, havia muita gente usando máscaras de maneira inapropriada. Tive vontade de chorar no próprio mercado. Parecia que as pessoas não tinham noção da gravidade do espaço em que estávamos. Voltei para casa e desabei, foi a primeira vez que isso aconteceu. Não quero mais sentir isso.

A desterritorialização e o esvaziamento dos espaços de possíveis encontros, sejam eles públicos ou comerciais, foram os temas mais evidentes e mais relatados pelos participantes, talvez pela frequência recorrente dos encontros no cotidiano anterior à pandemia. Agamben (2020, p. 16) assinala: “Ainda mais triste do que as limitações à liberdade implícitas nas disposições é, a meu ver, a degeneração das relações entre os homens que elas podem produzir”. Privados de sua rotina territorial, os participantes experimentaram uma desorganização afetiva e espaçotemporal.

Ante o risco que se fazia presente a partir de então nesses territórios tão conhecidos, a percepção da passagem do tempo ganhava contornos diferenciados. É o que descreve Sabrina:

Não sei se pela falta de sono de qualidade ou se pela experiência de dias iguais, mas o tempo parece ser vivido como um contínuo ultimamente. Nenhuma segmentação parece capaz de distinguir os dias e horas. Amanhã será apenas um novo ontem, exatamente igual a hoje e depois. Senti afastamento de todos, inclusive de mim. Foi estranho ir à rua durante a semana, na visita ao dentista. Parecia que eu não precisava

estar ali, ainda que precisasse. Deu uma sensação de excesso, como se fosse uma extravagância. Enquanto estive na rua ouvi duas moças que passaram por mim: “Vamô tomá uma?”. Fiquei duplamente triste: por mim, que não ia “tomar uma” e por elas, que estavam indo.

Diante de índices ainda baixos de casos e óbitos de 2020, quando comparados com o ano seguinte, 2021, o medo da morte já se fazia presente de modo marcante, tal como relatado por Antônio: “A sensação é de chegada da morte, escancarada”. A expressão do risco também comparece na fala de José: “Sair de casa virou pular de paraquedas sem saber ao certo se o paraquedas de pano é o suficiente”. Carvalho (2014) assinala a vinculação direta e irredutível do indivíduo com o social, evocando os processos de subjetivação que o atravessam. Em suas palavras, os sujeitos se constituem na relação social internalizando “componentes de subjetivação, incorporando-se ao psiquismo” (Carvalho, 2014, p. 90). Impotência, medo e dor foram compartilhados nas diferentes regiões planetárias e passaram a ser expressos na cotidianidade, como relatado pelos participantes. Nesse compartilhamento de componentes subjetivo, Cecília menciona as pessoas que insistiam em manter encontros presenciais:

Entendo a vontade de sair. Pergunto-me se estou sendo hipócrita em criticá-los mentalmente, porque da mesma forma que eles vão se reunir para comemorar, eu saio para ir comprar pão na padaria. Será que isso é uma comparação justa? Só sei que não vi ninguém em mais de 100 dias, não saí para passear, não saí para jantar, não saí para encontrar com algum amigo.

Os desdobramentos afetivos desses primeiros impactos da desterritorialização podem ser vislumbrados na sequência de pistas trazidas pelos participantes. Julia relata sua experiência: “Insônia e pesadelos (em cinco anos de graduação não tive episódios assim); me fez refletir como a pandemia afeta um corpo de diferentes maneiras, tanto positivas quanto negativas”. As palavras de Maria são ainda mais esclarecedoras: “Dificuldades para falar sobre as experiências vivenciadas, medo de enlouquecer, desejo de ficar em silêncio, cansaço”. O sofrimento é também manifestado por Marta: “Dor. Eu choro enquanto escovo os dentes. Olho minha cara e escancaro os dentes pra escovar e automaticamente começam a sair lágrimas. Tá foda”. Sabrina conta que as afetações decorrentes da desterritorialização se manifestam no corpo: “Essa foi uma semana difícil. Talvez a mais difícil até agora. Mais para o começo da semana eu me senti bastante ansiosa sobre a situação atual e sobre o que está por vir. Um pouco de taquicardia e respiração ofegante. Dificuldade de me concentrar nas atividades de trabalho”. Em uma vertente mais radical, Paula afirma: “Não vou fazer isso, mas entendo o aumento de suicídio nesse cenário”. Insônia, pesadelos, choro, ansiedade e medo marcaram os relatos desse primeiro eixo. Sobre eles, cabe acompanhar a análise trazida por Santos (2020, p. 28) que questiona: “Se seremos capazes de aprender” algo com os afetos experimentados na pandemia “é por agora uma questão em aberto”. Os desdobramentos futuros poderão oferecer mais pistas de como abordaremos e superaremos essa experiência. Nessa direção, Latour (2020, p. 3) alerta: “A pandemia não é mais um

fenômeno ‘natural’ do que são as fomes do passado ou a atual crise climática. A sociedade há muito que ultrapassou os limites estreitos da esfera social”. As desterritorializações e os medos relatados nesse primeiro eixo deixam entrever essa ultrapassagem e oferecem um primeiro desafio de elaboração do acontecimento que foi colocado ao coletivo populacional.

## **Eixo 2: Frustrações narcísicas e restrições biopolíticas**

As práticas sanitárias de cuidado com a saúde coletiva, adotadas pelas esferas governamentais, foram divulgadas de formas diferentes pelos estratos da administração pública (municipal, estadual e federal) desde o início da pandemia (Safatle, 2020). Isso, em parte, gerou confusões sobre a importância de seguir os protocolos e prejudicou a adesão populacional às medidas preventivas que eram indispensáveis para controlar, desde o seu início, a proliferação dos casos. Os participantes desta pesquisa perceberam rapidamente a diferença de postura das esferas governamentais e da população diante do risco, fato que gerou uma série de frustrações e medos. É o que relata Sabrina:

A realidade tá assim, quando alguma coisa não é, todo mundo acha que é; quando é, todos acham que não é. Um jogo exaustivo e que tá enchendo o saco já. Fiquei sabendo que o Campeonato Carioca retornou. O Paulista deve retomar em breve também. E o Brasileirão já tem data para começar. É isso. Um grande grito de “segue o jogo”, em meio a uma partida que tá todo mundo roubando de todo mundo. Não tem pênalti, falta ou bola fora. É uma coisa alucinada. E a vitória, o que será? A morte?

Também Rogério mostra essas diferenças de entendimento da população acerca da gravidade da pandemia:

Quando saio de casa vejo mais pessoas usando máscaras, mais pessoas nas ruas também... No boteco ao lado de casa, que já recebe mais fluxo de pessoas bebendo suas latinhas em conjunto como se não tivesse nenhum problema no ar... Isso me revolta muito, o sorriso irônico daqueles caras achando que tudo isso é um exagero faz meu sangue esquentar, a ponto de, quando cheguei em casa relatando isso com o pessoal, soquei a parede. Machuquei a mão, o que fez o arrependimento chegar rapidinho.

Rogério mostra que o outro, também composto por suas convicções narcísicas, apresenta, muitas vezes, um negacionismo de modo explícito e inaceitável.

Os impasses e as frustrações narcísicos começavam, então, a ganhar espaço nas relações e nas interdições que impactavam social, política e psiquicamente, visto que todos dependiam das ações de cuidado assumidas (ou não) pelo coletivo. Butler (2020, p. 2) mostra: “O vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente”, constatação a que chegam também nossos participantes. E José arrisca sua análise:

O número de mortos tem decrescido, há dias nos jornais mostra-se a média móvel caindo. Confesso que me sinto aliviado por isso, parece que a situação quer acalmar. Mas, no fundo, a gente sabe que não é bem assim. A origem do vírus (e não estou apenas falando da origem biológica, mas da social) na superpopulação da Terra alinhado com uma existência pulverizada, ao menos no Brasil, da individualidade, mostra que o problema não está no vírus em si, pois nós somos o(s) vírus. Nesse sentido, sinto um falso alívio, pois o problema não está lá apenas, mas aqui. Nas pessoas, na falta de isolamento, na falta de compreendê-lo como um movimento de compaixão, solidariedade, de cunho essencialmente social. Me sinto sentindo o óbvio, que querem a gente morto mesmo, morto com um soprinho de vida, o sopro necessário pra abrir as lojas e ir ao *shopping*, para morrer depois de algumas comprinhas. A economia não pode parar.

No fragmento exposto, o participante evidencia algum grau de consciência quanto à condição narcísica ferida que se faz presente nesse momento histórico de controle biopolítico. As existências pulverizadas impedem uma atuação coletiva e consistente dirigida para a interrupção da pandemia. Ainda nas palavras de Butler (2020, p. 2): “O vírus por si só não discrimina, mas nós humanos certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo”.

Relações afetivas próximas, marcadas por ações e preferências pessoais, também foram abaladas com as medidas de biossegurança. É o que conta Renata: “Eu havia comprado um presente de aniversário para o meu namorado, mas deu um superproblema na entrega e cancelaram minha compra. Agora o aniversário dele já foi. E além de a gente não poder ter comemorado juntos, também não pude lhe dar nada de lembrança”. Nota-se que o contato com os entes próximos, ainda preservado na impessoalidade capitalista, foi, em parte, rompido.

Tal rompimento chegou também às relações familiares. Expostos ao medo dos riscos que recaíam sobre si e sobre o outro, o distanciamento foi um gerador de sofrimento que evidenciou a impotência e a dor narcísica por se perceber vulnerável. José diz:

Tenho sido assolado por medo, o relaxamento do isolamento do meu pai aqui em casa tem me apavorado. Sinto como se brincasse de roleta-russa, em que ir à rua é trazer a arma munida, mas que nunca sei quando será disparada. Me sinto triste por não conseguir acessá-lo, por não conseguir desenhar na compreensão dele como eu me sinto. Em certa medida, essa falta de cuidado com a gente me remete a uma espécie de falta de amor, sei que não é isso, mas essa ideia vem. É destabilizante.

Para Descola (2020, p. 2): “Não há nada de novo no fato de que as doenças infecciosas circulem por todo o mundo; o que chama a atenção sobre a forma presente da globalização é a velocidade com que isso acontece”. Os riscos dessa velocidade de propagação, em parte, geram a tristeza relatada por José, que não se vê em condições para intervir na proteção de entes próximos.

Nessa direção, o corpo deu vários sinais de limite ante o isolamento. É o que demonstra Cecília:

Essa sensação de sedentarismo me incomoda muito. Mesmo me alongando diariamente, ficar o dia inteiro em frente ao computador deixa meu corpo incomodado. Sinto muita falta de caminhar, mesmo sem alguma finalidade de destino, só caminhar. Parece que não há exercício físico em casa que supra essa sensação que caminhar me faz.

A dor gerada pela perda do direito de ir e vir também evidencia o sofrimento narcísico (Carvalho, 2014). Joana dá visibilidade a isso:

Meu corpo anseia por movimento, por isso travou. Foi um grito, um imperativo: “Se mova!”. Mas vejo meu companheiro fazendo seus polichinelos na sala e sinto que não é isso que desejo. Quero correr nos parques como antes. Sair para fazer exercícios, antes, era meu refúgio. O tempo em que me dedicava apenas a mim. Agora eu tenho que competir o espaço para meu corpo mover-se com o sofá, a cadeira comprada exclusivamente para o *home office* e os brinquedos da criança.

Nesse fragmento, a frustração narcísica da participante torna-se evidente, com o assinalamento das perdas territoriais sofridas e o constrangimento da convivência forçada pelo isolamento social. Agamben (2020, p. 27), em uma análise que gerou diversas polêmicas, questionou a rápida disponibilidade da população nas diferentes áreas do globo em abrir mão da “liberdade de movimento” tendo como parâmetro o risco. Essa adesão às novas regras biopolíticas chama a atenção porque sua efetuação é garantida pela estratégia de disseminação do medo e da insegurança, já circulantes como componentes de subjetivação, que foram, agora, intensificados. Gil (2020, p. 7) também coopera nessa análise ao afirmar: “O contágio temido, imaginado, alucinado, foi o único acontecimento que condicionou as emoções e os gestos quotidianos”.

Outra face dessa dor narcísica é percebida nos relatos de solidão, desamparo e impasses. Diz Julia:

É dolorido ter que se esforçar e dizer para si mesma não desistir, que aos pouquinhos o micro muda o macro, a sensação é antagônica. Ao mesmo tempo sentimento de guerrilhar, lutar contra o estabelecido, reinventar novas formas de viver. E, do mesmo lado, um sentimento de impotência, de querer desistir, talvez se tornar o que o poder quer seja menos trabalhoso, ser um mero consumidor, individualista, despreocupado com o outro (seja humano, ou seja, a própria natureza), um ser comum.

As questões de Julia antagonizam o plano individual com o coletivo, dando ênfase aos impasses instalados: a pandemia coloca-se como um acontecimento imediatamente político, à medida que gera questões e demanda respostas coletivas (Latour, 2020). Dentre esses impasses, Sabrina relata:

Os encontros virtuais com amigos continuam acontecendo, mas... Sabe? Eu sei que pode ser apego a um formato de outrora e que talvez não seja possível de ser vivido outra vez, por inúmeras razões. O que inco-

moda será que é o período de privação ou a incerteza pelo que virá e como será daqui pra frente? Não sei. É como se estivesse presa numa fenda temporal em que não consigo sequer definir se o que me aflige é o que ficou para trás ou o que estará adiante. Talvez sejam as duas coisas que se encontram no agora. O presente está insuportável. Mas a gente suporta.

Deleuze (2017) mostra que o problema a ser enfrentado no campo dos afetos, composto tanto por alegrias quanto por tristezas, também é de ordem política. Alegrias e tristezas, em seus mais diferentes matizes, são vividas de modo misturado, demandando uma difícil aprendizagem que envolve a sensibilidade para selecionar aquilo que potencializa ou destrói. Resgatando suas palavras, trata-se de corpos, “esforçando-se para *organizar os encontros*” (Deleuze, 2017, p. 290).

Perceber-se frágil diante da gravidade da pandemia, distante de vacinas ou tratamentos, consolidava-se como um golpe no domínio narcisista da própria existência instalado até então. Maria o reconheceu:

[...] precariedade no atendimento à questão da pandemia, precariedade na sobrevivência de grande parte da população, precariedade nas relações, tendo em vista que, com tanta coisa acontecendo, os exercícios de estar junto se tornam necessários e por vezes difíceis, precariedade afetiva, tendo em vista que em certos momentos parece que o único afeto possível no meu corpo é o medo e a raiva.

Novamente, fica explícito que esse primeiro momento foi marcado pela mistura de afetos somada à dificuldade de selecionar e priorizar os encontros que poderiam gerar alguma alegria. Os relatos mostram que o medo estava disseminado, e, nas palavras de Sawaia (2020, p. 4): “É nessa flutuação de emoções, repetida a cada fase da pandemia, que vivemos um dos tempos mais macabros da história da saúde pública brasileira. Há medo, muito medo, com um aceno de esperanças e discretas alegrias, o qual nos ajuda a perseverar na existência”.

O corpo narcísico administrado pelas medidas de biossegurança sofreu frustrações que romperam a autonomia até então exercida no cotidiano (Agamben, 2020). Nessa direção, as relações laborais ganharam evidência. Afinal, sob o ponto de vista da economia, “a vida não podia parar” (Butler, 2020, p. 3), o que levou Butler (2020, p. 5) a alertar que “o empregado deve ir trabalhar para conseguir viver, porém o local de trabalho é onde sua vida é colocada em risco”. Isso aparece no relato de Patrícia: “As responsabilidades no trabalho me traziam sobrecarga e pessimismo. Junto à rotina de cuidados com máscara e desinfecção, bem como os comentários e até comportamentos paranoicos das colegas, pareciam sugar meu otimismo e energia”. Carla complementa esse argumento: “Medo de ser demitida e ao mesmo tempo me culpando por me preocupar com isso, com emprego e dinheiro, contribuindo na manutenção da lógica [...]. Sinto que fico o tempo todo moldada por um ‘deve’ e ‘não deve’ muito mais recorrente que antes”. Ainda sobre a relação com o trabalho, relata Joana:

As demandas do trabalho se intensificam, as famílias que atendo estão em sofrimento maior. Muitas vezes me perco no que é a minha vida pessoal e o que é meu trabalho. Trazer o trabalho pra casa, por mais que garanta a minha segurança e a segurança dos meus, muitas vezes acaba me trazendo a sensação de que tudo é tarefa, tudo é obrigação.

Esses fragmentos mostram que há uma vida em suspenso, um corpo amplamente administrado em regiões subjetivas outrora autônomas e a obrigatoriedade do trabalho, sem garantias de prevenção, cada um deles instrumentalizado pelas instâncias biopolíticas governamentais e privadas, cujo custo é alto, especialmente para o Ocidente. Ainda segundo Birman (2021, p. 88), “fomos socializados como indivíduos de modos completamente diferentes, pautando-nos por normas higiênicas e sociais bastante diversas e mesmo opostas a essas”. A isso, somam-se os índices de contaminação e óbito divulgados pela mídia e que geraram, em Maria, “muita dificuldade pra dormir e pra desligar frente aos desafios do trabalho e das notícias que atravessam o tempo todo”.

A situação política do país e os confrontos com a administração da condição biológica também são mencionados pelos participantes. Nessa mesma direção, relata Julia: “Refleti muito sobre os eventos e como eles têm relações com a política e como nossos corpos são vistos. Não importa se estejamos bem, importa se esse corpo trabalhe, consuma, produza!”. Em ressonância com esse relato, Santos (2020, p. 32) menciona a presença de uma quarentena produtivista que estava instalada antes mesmo da pandemia, uma “quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir”. E acrescenta: “A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum” (Santos, 2020, p. 32). Os enfrentamentos entre o narcisismo e a biopolítica deixam entrever os novos desafios a serem enfrentados em um tempo, quiçá, pós-pandêmico.

### Considerações Finais

A situação pandêmica instalada evidenciou algumas rupturas que marcarão a vida afetiva e relacional de modo radical. Os achados desta pesquisa trouxeram um recorte dessas mudanças. Pela problematização teórica da relação conflitante entre narcisismo e biopolítica, entrelaçada com as experiências cotidianas, chega-se a algumas considerações: primeiro, a relevância das diferentes áreas de conhecimento na compreensão dessa experiência radical, especialmente as Ciências da Saúde (com seu empenho na viabilização de medidas preventivas, vacinas e tratamentos), as Ciências da Informação (com suas intervenções precisas voltadas à popularização das tecnologias comunicacionais), as Engenharias e Tecnologias (ocupadas em gerar dispositivos de oxigenação de pacientes em tempo hábil), bem como as Ciências Sociais e Humanas (que forneceram chaves de compreensão para esse momento da nossa história). Todas elas são protagonistas que facilitam a travessia desse acontecimento pandêmico, em especial na

compreensão do que foi apresentado como resultado no eixo 1, que deu visibilidade às desterritorializações e aos medos. Contrastando com uma abordagem científica da situação emergente, o que se pode observar na reação disseminada pela sociedade foi a presença daquilo que se convencionou chamar de um negacionismo que ganhou diferentes formatos discursivos como convicções infundadas, preconceitos e a ampla desconsideração da realidade social emergente, cada um deles, em larga medida, ressonante com o medo defensivo disseminado ante as ameaças à vida que marcam os últimos anos.

Uma segunda consideração diz respeito à polarização que ganhou forma no desenrolar da pandemia entre aqueles segmentos da sociedade que reconhecem uma dimensão coletiva e demais setores que se atêm de modo exclusivo à individualidade, muitas vezes definindo a vida em sociedade pela mera somatória de indivíduos. Desse modo, o advento da pandemia fez propagar no meio social um embate entre diferentes modos de conceber a vida coletiva. Uma visão de mundo centrada no indivíduo, que tende a desconsiderar a presença do outro no seu agir cotidiano, tem como componente subjetivo predominante o narcisismo defensivo que, como vimos no segundo eixo analisado, se enfrenta com os dispositivos biopolíticos de uma gestão voltada ao bem-estar da coletividade.

Em terceiro lugar, cabe considerar a relevância da participação política, evidenciada pelos participantes nos depoimentos analisados nos dois eixos. Por meio delas é possível colocar em andamento a construção de narrativas plurais sobre a experiência, dando especial destaque à maneira cotidiana de como a mesma foi vivida por pessoas anônimas que tiveram de enfrentar, em sua cotidianidade social, as possibilidades e limites trazidos por essa radical ocorrência histórica. Para além da história oficial, registrada em índices e ações governamentais, coube dar visibilidade às histórias micropolíticas que tendem a ser condenadas ao silêncio e ao desaparecimento.

Como quarta consideração, destacamos que as transformações advindas dessa experiência sombria ainda estão por se fazer conhecer e exigirão um esforço coletivo de acolhimento, análise e superação que só poderá advir da potência para sustentar os afetos díspares experimentados nesses anos pandêmicos. Trata-se de uma elaboração que ocorrerá em âmbito privado, mas que exigirá também um esforço coletivo para lidar com as marcas de medo, narcisismo defensivo, morte e insegurança diante da vulnerabilidade social que a pandemia explicitou de modo radical, conforme visto nos depoimentos.

Por fim, frisamos que, apesar da desqualificação sistemática que incide sobre a ciência, fato que se tornou evidente em todo o globo e especialmente no Brasil, é preciso insistir na produção científica situada e multidisciplinar. Nessa direção, caberão novos estudos sobre as transformações subjetivas suscitadas por essa experiência tão sombria, valendo-se de diferentes perspectivas de análise para compreender e acessar um porvir que se mostra ainda totalmente incerto, mas que, já é possível dizer, poderá ser sistematicamente marcado por novas experiências pandêmicas.

## Referências

- Agamben, G. (2020). *Reflexões sobre a peste: Ensaio em tempos de pandemia*. Boitempo.
- Beck, U. (2010). *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Birman, J. (2021). *O trauma na pandemia do coronavírus*. Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2020). O capitalismo tem seus limites. <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>
- Carvalho, P. R. (2014). *Tédio: O cansaço do viver*. Londrina: Eduel.
- Descola, P. (2020). Nós nos tornamos um vírus para o planeta. Instituto Humanitas Unisinos. [www.ihu.unisinos.br/599262-nos-nos-tornamos-um-virus-para-o-planeta-entrevista-com-philippe-descola](http://www.ihu.unisinos.br/599262-nos-nos-tornamos-um-virus-para-o-planeta-entrevista-com-philippe-descola)
- Deleuze, G. (2000). *Lógica do sentido*. Perspectiva.
- Deleuze, G. (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Editora 34.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes.
- Gil, J. (2020). *A pandemia e o capitalismo numérico*. N-1 Edições.
- Hardt, M., & Negri, A. (2016). *O bem-estar comum*. Record.
- Latour, B. (2020). *Isso não é um ensaio geral*. N-1 Edições.
- Mansano, S. R. V., & Carvalho, P. R. (2016). Psicologia, filosofia e meio ambiente: Delineando o conceito de sustentabilidade afetiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(3), 696–714.
- Rolnik, S. (2000). Toxicômanos de identidade. In D. Lins (Org.), *Cultura e subjetividade: Saberes nômades* (pp. 19–24). Papirus.
- Safatle, V. (2020). *Bem-vindo ao estado suicidário*. N-1 Edições.
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Almedina.
- Sawaia, B. (2020). Apresentação: A força ética do corpo e dos afetos. O corpo que não aguenta mais. In B. Sawaia, F. Busarello, J. Berezoschi, J. Albuquerque, & J. Renan (Orgs.), *Expressões da pandemia* (Vol. 12). São Paulo: PUC/SP. <https://www5.pucsp.br/nexin/expansoes-da-pandemia/expressoes-da-pandemia-vol-12.pdf>
- Sennett, R. (2014). *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. Record.
- Stengers, I. (2015). *No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima*. Cosac Naify.
- Žižek, S. (2020). *Pandemic! Covid-19 shakes the world*. Polity.

### EQUIPE EDITORIAL

#### Editora-chefe

Cristiane Silvestre de Paula

#### Editores associados

Alessandra Gotuzo Seabra  
Ana Alexandra Caldas Osório  
Luiz Renato Rodrigues Carreiro  
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

#### Editores de seção

##### “Avaliação Psicológica”

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa  
André Luiz de Carvalho Braule Pinto  
Vera Lúcia Esteves Mateus  
Juliana Borges Sbicigo

##### “Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra  
Carlo Schmidt  
Regina Basso Zanon

#### “Psicologia Social e Saúde das Populações”

Enzo Banti Bissoli  
Marina Xavier Carpena

#### “Psicologia Clínica”

Carolina Andrea Ziebold Jorquera  
Julia Garcia Durand  
Natalia Becker

#### “Desenvolvimento Humano”

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira  
Rosane Lowenthal

#### Suporte técnico

Camila Fragoso Ribeiro  
Giovanna Joly Manssur  
Giovana Gatto Nogueira

### PRODUÇÃO EDITORIAL

#### Coordenação editorial

Surane Chiliani Vellenich

#### Estagiário editorial

Élcio Marcos de Carvalho Júnior

#### Preparação de originais

Carlos Villarruel

#### Revisão

Hebe Ester Lucas

#### Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico